A criatura da Noite



Estêvão Rey

“Durante a Lua cheia uma terrível criatura no seio da floresta mata sem dó nem piedade os que atravessam o seu caminho. Mas, mesmo estas bestas-feras podem um dia, afinal, encontrar seu algoz.”

E. S. Nazareth

16/11/2022

A criatura da noite estava furiosa e faminta.

Por esta razão, não perdoava nunca, carregava no seio da floresta sua vítima, arrastando-a pela perna ensangüentada, levando-a pra sua toca negra e medonha. Somente a Lua cheia no céu era testemunha daquele acontecimento macabro. Todos os bichos mais perigosos se afastavam quando ouviam os rosnados da imponente criatura.

- Socorro! Alguém me ajude! – gritava a vítima, contudo não havia ninguém capaz de salvá-la da morte certa.

A criatura a levou pra sua toca negra. Dentro daquele lugar escroto podiam-se observar crânios, um monte de esqueletos, sangue, vísceras, insetos e ratos asquerosos pululando por toda parte. Um fedor de enxofre tomava conta das redondezas. Ao redor se desenhava pântanos e brejos a se perder de vista. Num dado momento ouviu-se berros horríveis.

Eram gritos de dor vindos da criatura vil, ela pos as patas no peito e zonza caiu se estrebuchando. Logo em seguida morreu. A vítima, ainda tonta procurou se levantar, se agarrando em pedras, fugiu. Andou tanto que não tinha mais forças pra continuar andando. A Lua já havia ido embora, o crepúsculo matutino despontou

nas montanhas, timidamente o sol surgiu. Um caçador montado em seu cavalo negro viu alguém estrebuchado perto do pântano e foi ao seu socorro.

- Mas, é uma mulher! – exclamou afoito. – Ta ferida na perna e nos braços, são arranhões, talvez tenha sido atacada por algum lobo. Malditos lobos!

Ergueu-a, pô-la no dorso do cavalo e levou-a pra sua casa no subúrbio. Quando ela abriu os olhos viu-se numa casa simples, ao seu lado na cama, um gato preto acochado nas suas costelas doloridas. Levantou-se, usava uma camisola vermelha, caminhou descalça até a janela e abriu-a, viu uma menina loira de olhos azuis brincando no balanço no jardim, elas ficaram se olhando por um minuto. Viu também um lindo cavalo negro.

Um homem entrou no quarto subitamente trazendo nas mãos uma bandeja com o café da manhã e lhe ofereceu, a estranha mulher se assustou, não disse sequer uma palavra. Ele pos a bandeja sobre o criado e disse:

- Bom dia. Venha tomar café da manhã. A senhorita tá muito fraca, magra, pálida. Precisa se alimentar.

Ela se olhou.

- Ah, me desculpe. Ta olhando a camisola né. É que eu tive que lhe dar um banho, você tava fedendo. Esta roupa é da minha mulher, ela já morreu há alguns anos e pensei: porque não experimentá-las em você, vocês duas têm o mesmo biótipo.

A mulher somente o olhava com espanto. Sem dizer uma só palavra. Completamente assustada, encolhida na parede.

- Tudo bem. Não tenha medo de mim. Aqui ninguém vai lhe fazer mal. Vou sair agora um pouco pra ir à feira com a minha filha, fique à vontade.

Foi à feira com sua filha e, algumas horas mais tarde retornou. Pos as compras sobre a mesa e foi ao quarto, entretanto a estranha mulher havia ido embora.

- O que foi, pai. O que aconteceu com ela?

- Bom... Acho que foi embora.

Um vento frio se fez, a poeira zanzou pra todo lado, o céu enegreceu, raios riscavam de espaço a espaço, alguns trovões ribombavam com estrondos assombrosos, logo em seguida alguns pingos de chuviscos já desenhava o que viria a seguir, algumas horas depois a chuva torrencial mostrou a que veio, causando enchentes, agudas enxurradas empurravam sacos e sacolas de lixo. Sandra e seu pai estavam na sala, sentados no sofá, ela envolvida num edredom, ele de blusa lia pra ela num livro um conto dos irmãos Grimm, era noite alta, a chuva ainda caía lá fora, de repente ouviram socos na porta, alguém estava querendo invadir a casa a todo custo. Samuel apanhou sua espingarda na parede, destravou-a, observou bem a mira, caminhou com cautela até a porta, esperou, esperou, as batidas findaram. Ele pos uma das mãos na fechadura e abriu-a.

- Você!?

A mulher estava plantada na sua frente, lambrecada de lama. Levou-a pra dentro, descalça, os pés feridos, assustada, parecia um cão imundo.

- Venha comigo.

- Pai. Acho que ela ta precisando de um banho daqueles. – disse a menina que tinha se levantado e ido se esconder no seu quarto quando as batidas na porta tinham se tornado mais forte. – Achei que fosse um assaltante, ou um daqueles drogados, mas graças a Deus era apenas essa mulher estranha.

Pobrezinha né pai, ela parece tão assustada e perdida. Será que não tem família? Será que... Pai; será que ela fugiu de algum hospital psiquiátrico?